

**Exegi monumentum aere perennius: o vitupério como produtor da damnatio
memoriae na poesia fúnebre vituperante impressa na Melpómene de Francisco de
Quevedo**

Luiza Silva Pinto
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: 2020m0086@uesb.edu.br

Marcello Moreira
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

641

Palavras-chave: Epitáfio. Memória. Melpómene. Monumento. Quevedo

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe discutir a relação entre memória, monumento e poesia tumular, na Espanha monárquica dos séculos XVI e XVII, na qual se efetuou a produção da poesia fúnebre do poeta espanhol Don Francisco de Quevedo. A isso aditamos que tal poesia, impressa na Melpómene do aludido poeta, vincula-se a uma tradição retórico-poética que especifica os gêneros e as espécies discursivas, assim como os tipos a serem representados por meio deles, representação essa reforçada pela retórica epidítica, fomentando, desse modo, uma relação estreita entre morte, memória, teologia, política e poesia, no cenário áulico de imitação das belas letras, comuníssimo no Seiscentismo de Quevedo, à época da Contrarreforma.

Dito isso, aduzimos que analisaremos um soneto fúnebre vituperante melpomeniano, com vistas a demonstrar como estão articulados, nele, o topos poético do “*Exegi monumentum aere perennius*” horaciano, as tópicas próprias do gênero “epitáfio” e o vitupério de defuntos de certo modo ilustres da corte filipina, que não se portam aristotelicamente como “melhores”, na sociedade ordenada cristã, na qual viveu o poeta madrileno em realce. A isso acrescentamos que, na análise do soneto em foco, serão levados, na devida conta, os fundamentos retórico-poéticos, as implicações

Realização:



Apoio:



teológico-políticas, bem como as relações dele com a memória.

Nesta linha, fá-lo-emos saber que o objetivo precípuo desta análise é demonstrar como Quevedo, ao se apropriar de tópicos epidícticas vituperantes, produziu uma memória danosa do defunto, que é matéria do discurso vituperante, dado que ele não soube morrer em vida, tendo, pois, como corolário, o fogo infernal e, por conseguinte, a danação eterna. Com tanto mais razão, inferimos, a partir da visada do hispânico em foco, que tal poesia não só deleita, mas ensina, dada a sua finalidade didática e moralizante.

METODOLOGIA

No que respeita à metodologia, esta, em conformidade com a estudiosa Minayo (2007), deve corresponder à necessidade de conhecimento do objeto. Desse modo, com o fito de emprendermos um estudo consistente e, sobremaneira, inteligível do objeto de investigação - Poesia fúnebre impressa em Melpómene, musa terceira do Parnaso Español de 1648, de Don Francisco de Quevedo -, encetaremos, prioritariamente, o estudo sistemático de tal corpus e, ulteriormente, partiremos para o cotejo dele com tratados retórico-poético-teológico-políticos, escritos pelos antigos, e atualizados nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Com o fito de explorarmos, de forma minudenciada, os tratados suprarreferidos, valer-nos-emos, de um lado, de ricas e raríssimas fontes dos jardins da Academia clássica, onde floresceram os preceitos de Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Aftônio, Hermógenes, Menandro, Cascales, Minturno e congêneres e, de outro, de um solo adubado e fecundo, no qual foram plantados os estudos de João Adolfo Hansen, Marcello Moreira, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, Alcir Pécora, Adma Muhana, Marcia Arruda Franco, Luisa López Grigera, Jacobo Llamas Martínez e quejandos, pesquisadores esses de altas, extensas e profundas leituras da tratadística poético-retórica aristotélica, bem como dos demais tratados clássicos que, nela, se espelharam. Ademais, consultaremos fontes que versem sobre a organização social e política do Estado Monárquico e do Antigo Regime e, para além disso, valer-nos-emos também de teses e dissertações acadêmicas, artigos científicos, revistas, resenhas, disponibilizados em bibliotecas virtuais que abordem assuntos atinentes ao aludido objeto, enfim, consultaremos materiais produzidos e sistematizados, de domínio público e de valor científico reconhecido. Por fim, investidos

Realização:



Apoio:



dos ensinamentos coligidos dessa remissão, faremos a análise retoricizada do soneto fúnebre número 25, de cunho vituperante, emoldurado pela didascália “*Lamentable Inscrición para el Túmulo del Rey de Suecia Gustavo Adolfo*”, que está impresso na *Melpómene*, musa terceira do Parnaso Español de 1648, de Don Francisco de Quevedo. Em linhas gerais, intentaremos demonstrar, por meio de nossa análise, que a artificiosa poesia de Quevedo nos convida a pensar não apenas sobre valores poéticos, mas também acerca de expectativas seiscentistas da recepção, quais sejam proveito, deleite e maravilha. Sem dúvida, é viagem de descoberta: importa, pois, segui-la.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Don Francisco de Quevedo, ao erigir com suas palavras ornadas gloriosos túmulos poéticos, os quais tanto recordavam a vida dos altos mortos quanto escarmentavam tipos aristotelicamente baixos, conforme são os coligidos na sua *Melpómene*, musa terceira do *Parnaso Español* (1648), atualizou a retórica de Aristóteles, demonstrando, na sua faina poética melpomeniana, notadamente nos seus epitáfios vituperantes que dela dimanam, a articulação entre Poética (cômico) e Retórica demonstrativa, bem como reportou a Horácio, notadamente à sua Ode 3.30, da qual se apropriou do topos poético “*Exegi monumentum aere perennius*”, com vistas a legitimar a perenidade de sua poesia, considerada monumento de memória contra a voracidade do tempo.

Concernente à relação entre poesia fúnebre, monumento e memória, na Espanha monárquica dos Séculos XVI e XVII, cumpre ressaltarmos que, em “*Melpómene*”, dentre as várias composições poéticas mortuárias que a constituem, abundam os epitáfios, os quais devem ser compreendidos como discurso que deve ser registrado tradicionalmente sobre materiais duros – e, portanto, duráveis -, a lápide, de preferência. Ademais, cabe lembrarmos que a lápide em que se inscreve o epitáfio, para além de ser duradoura, também permanece em lugar público, e é justamente essa sua eterna publicidade que a torna o suporte ideal de uma mensagem que só pode atingir sua finalidade – perpetuar virtudes – se for constantemente rerepresentada àqueles a quem se destina. Na perspectiva que aqui se esquadrinha, o efeito de perenização própria das escritas epigráficas advém, por conseguinte, de um lado, do material que lhes dá suporte, e, de outro, do espaço onde

Realização:



Apoio:



se localizam tais inscrições. Neste ponto, tais aspectos delineiam-se sinteticamente nas palavras de Le Goff (2003, p. 428):

[...] A pedra e o mármore serviam, na maioria das vezes, de suporte a uma sobrecarga de memória. Os arquivos de pedra acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea.

644

Em vista do que vai extratado nas supracitadas linhas, mais interessante é percebermos que a poesia converte-se num monumento seguro, tal como o mármore, que é, por excelência, durável. Na verdade, ela ainda suplanta a durabilidade da pedra, caso levemos em consideração que, indiscutivelmente, resiste muito mais aos efeitos corrosivos do tempo pelo fato de multiplicar-se em incontáveis cópias. Deste modo, a poesia quinhentista e a seiscentista tanto podem configurar-se como fama futura, já que a palavra vive mais tempo do que os feitos, nos casos dos discursos epidícticos que objetivavam o louvor, quanto podem visar a perenizar a memória dos danados, no caso dos discursos epidícticos vituperantes.

Respeitante, ainda, à definição do latim *monumentum*, este significava, aos olhos de Achcar (1994, p. 163) “um monumento qualquer em pedra e bronze, uma obra literária, em prosa ou em verso, na materialidade de sua redação escrita”. À vista deste arrazoado, cremos ser de suma importância remontarmos ao topos poético da perenidade da poesia, sumarizado no verso “*Exegi monumentum aere perennius*” (“Concluí um monumento mais perene que bronze”), eternizado por Horácio, na sua primorosa Ode 3.30, já que o *vate* (o poeta) tinha, como função precípua, imortalizar o conteúdo do seu canto, inscrevendo, por conseguinte, seu próprio nome no rol da fama.

Do exposto, constatamos, sem dificuldade, que há, nas práticas letradas quinhentistas e seiscentistas, especificamente na poesia fúnebre que integra a Melpómene quevediana, uma mútua relação que permite a estabilidade da memória, da poesia que a difunde, do poder que as consolida, o qual também é consolidado por elas, haja vista que “a memória a ser construída poeticamente [...] não pode ser separada do monumento codicológico que organiza a produção poética atribuída ao poeta e que, ao fazê-lo, preserva-a” (Moreira, 2005, p. 83-84).

Realização:



Apoio:



CONCLUSÕES

À vista do que fica exposto, fá-lo-emos saber que, em se tratando dos escritores áureos, nenhum outro poeta do Seiscentismo espanhol celebrou a morte, nos epitáfios, com excelsa perfeição formal como o fez Quevedo, inserido numa época em que a propagação da fé e da doutrina entre hereges, infiéis e ignorantes exigia dos letrados que dominassem os efeitos que os discursos, todos eles, tinham sobre os mais diversos leitores, consoante suas idades, estados, ocasiões, lugares etc. A isso acrescentamos que o poeta hispânico em relevo, douto nas noções imprescindíveis de decoro, verossimilhança, juízo e arte técnica de engenho, no epitáfio vituperante por nós esquadrinhado (“Lamentable Inscripción para el Túmulo del Rey de Suecia Gustavo Adolfo”), produziu poeticamente uma memória viciosa do defunto ilustre, dado que ele não soube viver virtuosamente, uma vez que não exerceu, com exemplaridade, as virtudes cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança) e teologais (fé, esperança e caridade), na vida terrena. Da análise aqui empreendida, ratificamos a imprescindibilidade da retórica demonstrativa ou epidítica, concebida como fruto da sabedoria dos antigos, límpido espelho no qual teremos de mirar, quando propugnamos encetar não só um estudo consistente acerca do labor poético quevediano, mas também das práticas letradas que vivificaram a Espanha do *siglo de oro*, no Seiscentos contrarreformado. Por fim, Quevedo, pelo seu canto poético, tornou-se modelar para os poetas que lhe foram coetâneos, bem como memória para a posteridade.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum**: alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo: Edusp, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOREIRA, Marcello. As armas e os barões assinalados: poesia laudatória e política em Camões. **Revista Camoniana**, Bauru, SP: Edusc, v. 17, 3. série, p. 77-104, 2005.

QUEVEDO, Don Francisco de. *El Parnaso Español, y Musas Castellanas*. Madrid: Melchor Sanchez, 1648.

Realização:



Apoio:

